

# Teatro e Diversidade Sexual: uma análise da trajetória de vida de travestis e transexuais na cena urbana

Rachel Macedo Rocha<sup>1</sup>

## Resumo

A arte, desde o Renascimento, tem protagonizado temas relevantes no processo de transformação da sociedade. O teatro, em especial, tem tomado a dianteira desde o século XIX ao debater alguns tabus. Nesse artigo pretendo, ao explorar a trajetória de travestis e transexuais na cena urbana, refletir sobre o encontro desses sujeitos com o teatro. Tal investigação se deu a partir de entrevistas realizadas em julho de 2011 com travestis e transexuais, atores ou profissionais, em espaços voltados ao teatro, na cidade de São Paulo. As narrativas vão revelar se esse encontro pode contribuir para a busca do reconhecimento das identidades de gênero, se quebrou ou quebra paradigmas para enfrentar os muros resultantes da violência de gênero decorrentes de um fenômeno estrutural que vai além da violência física, bem como a maneira de inseri-los no contexto econômico, entendendo-o como mercado de trabalho, consumo e lazer de uma sociedade pautada pela diversidade de gênero, raça e sexo.

**Palavras-chave:** teatro, identidade de gênero, discriminação, preconceito.

## Abstract

Theatre and Sexual Diversity: A discussion about transvestites and transsexuals urban scene life pathway. Since Renaissance, art has played relevant themes in society's transformation process. The theatre has led these transformations since XIX century by debating some taboos. In this article, I intend to explore the

---

1 Advogada, Especialista em Gênero e Sexualidade IMS/UERJ, Professora Colaboradora do Instituto Virtual da Universidade Federal do Ceará.

journey of transvestites and transsexuals in the urban scene and to discuss about the participation of these individuals at the theatre. This investigation begins with interviews which were done in July 2011 with transvestites and transsexuals, professional actors or professionals, at venues dedicated to theatre in Sao Paulo. This narrative will reveal if this match can contribute with gender identities recognition. Besides that, it will show how it would be possible to break the paradigm of violence which goes beyond physical violence. In addition, it will talk about how to insert them in the economic context understanding it as job market, consumption and leisure of a society consisted in gender diversity, race and sex.

**Keywords:** theatre, gender identity, discrimination, prejudice.

Todo preconceito é fruto da burrice, da ignorância, e qualquer atividade cultural contra preconceitos é válida (Paulo Autran *apud* Borillo, 2010).

## Introdução

“Eu nasci num corpo errado”. A frase da personagem Luis Antônio-Gabriela<sup>2</sup>, da peça teatral de mesmo nome, conta a história de uma travesti que viveu na cidade de Santos nos anos 1980. Muito além do drama da travesti, a peça oferece um resgate histórico da experiência de *gays*, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais sujeitos ao preconceito e à discriminação na sociedade santista.

---

2 A peça teatral Luis Antonio-Gabriela, de Nelson Baskerville, Verônica Gentilin, com a Cia. Mungunzá de Teatro e direção de Nelson Baskerville, conta a história de seu irmão mais velho, Luis Antonio que nasceu em 1953, era homossexual e viveu em Santos até os 30 anos, quando se mudou para a Espanha. Durante três décadas, quase nada se soube dele, que, em Bilbao, assumiu a identidade de Gabriela, protagonizou shows em boates e acabou vitimado pela aids em 2006. Estreou em 16/03/2011, no Centro Cultural São Paulo. De 13/05/2011 a 17/07/2011, esteve em cartaz no Teatro Galpão do Folias, em São Paulo. A peça venceu o edital de fomento à cultura da FUNARTE e esteve em cartaz no teatro da Fundação em São Paulo, de outubro a fevereiro 2012. Em contrapartida, o grupo destinou a renda da bilheteria para uma entidade que desenvolve projetos sociais e culturais para travestis. Reestudou em 28/09/2012, em São Paulo.

Luis Antônio-Gabriela é um dos inúmeros cidadãos que passaram invisíveis por aquele crítico momento da história, no qual foi imputada aos homossexuais a responsabilidade pela disseminação do vírus HIV, em que se instalou o conflito sexual do “pânico moral”, como identifica Weeks<sup>3</sup>, segregando pessoas, reforçando medos antigos e estratificando ainda mais comportamentos e práticas sexuais.

Em sua obra *Risco de Vida*, o jornalista, crítico teatral, ator e professor de teatro Alberto Guzik (1995) faz um relato da vida cultural, dos comportamentos e práticas sexuais na cidade de São Paulo naquele mesmo período, em que grande parte dos que ousavam viver *à margem* caminhava como que sobre um fio de navalha.

A peça Luis Antônio-Gabriela expressa um retrato da sociedade ocidental onde, antes de tudo, é preciso adequar-se aos conceitos da sexualidade construída no final do século XIX e no início do século XX. Conceitos que sugeriam até pouco tempo uma sexualidade binária, concebida como um dado da natureza. Luis Antônio ou Gabriela é uma personagem real de um vasto leque de possibilidades muito além das letras LGBT, contrariando qualquer conceito que ousasse rotulá-lo.

Quem nasce em corpo certo? Quem nasce em corpo errado? A resposta pressupõe uma verdade idealizada pela ciência, pelo conhecimento e pelas relações de poder; a verdade concebida pela *scientia sexualis* (FOUCAULT, 1988, p. 77).

Essa reflexão é um desdobramento do nosso projeto de pesquisa apresentado por ocasião do curso de pós-graduação em Gênero

---

3 *Apud* Rubin (2003).

e Sexualidade, no Instituto de Medicina Social, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, e surgiu da observação da cena teatral na cidade de São Paulo e do nosso envolvimento com o movimento homossexual na capital paulista.

Do trânsito nesses espaços foi possível notar a visibilidade que o movimento homossexual conquistou desde a sua criação, no final dos anos 1970 e início dos anos 1980, as ousadias de grupos e artistas de então que vão contestar o sistema vigente e os discursos acerca da sexualidade, no mesmo período, e o leque de peças em cartaz na cena contemporânea, que tem discutido processos de discriminação, preconceito, homofobia, hierarquização de poder, gênero e sexualidades, ainda que sob a perspectiva de uma dramaturgia heteronormativa.

Importante destacar que o universo investigado não se restringiu à análise da dramaturgia com enfoque aos indivíduos LGBT's, muito bem explorada por Moreno (2001). O objetivo foi observar o encontro desses sujeitos com a arte e se esta contribuiu ou pode contribuir para a visibilidade das bandeiras de lutas sem, entretanto, sinalizar para um processo de institucionalização da causa e de aprisionamento dessa visibilidade a formas rituais.

No contexto desta pesquisa, foram entrevistadas travestis e transexuais acessadas por meio de grupos e de espaços voltados ao teatro. As narrativas apresentam as experiências, as subjetividades e as expectativas de cada um com o mundo do teatro.

## O Teatro e o debate sobre diversidade sexual

Na cena teatral atual, o debate sobre os temas de diversidade sexual, identidades de gênero, homofobia, homoerotismo, igualdade de gênero, aids, direitos sexuais e dignidade humana tem ocupado parte dos espetáculos em cartaz dos últimos 40 anos (MORENO, 2001).

Para o diretor de teatro Claudio Botelho<sup>4</sup>, a arte tem debatido tabus da sociedade bem antes do século XIX, entre eles o da sexualidade.

Com *O Despertar da Primavera*<sup>5</sup>, em 1891, o dramaturgo alemão Frank Wedekind “descortinava o universo de um grupo de adolescentes e tocava em temas como o florescer da sexualidade, o incesto, o suicídio e a opressão, seja na família, no sistema educacional ou na igreja”, afirma Botelho.

Segundo o diretor, quebrar paradigmas tem sido uma das intervenções sociais dessa arte. Sob esse viés, podemos pressupor que a inclusão das mulheres no direito da arte de interpretar seria um indicador dessa intervenção. Direito que as mulheres conquistam a partir do século XVII<sup>6</sup>.

---

4 <http://www.moellerbotelho.com.br/acervo/o-despertar-da-primavera>

5 Peça do dramaturgo alemão Frank Wedekind, *O Despertar da Primavera*, estreou em 21 de agosto de 2009, no Rio de Janeiro, e foi vencedora do Prêmio Shell-Rio daquele ano.

6 A proibição das mulheres à arte de interpretar persistiu por toda Idade Medieval. Na Inglaterra, os papéis femininos eram representados por jovens atores aprendizes. Tanto na Inglaterra quanto no resto da Europa as mulheres que ousavam desafiar a lei, e atuavam em tabernas, eram tidas como prostitutas e acabavam na prisão. Com o surgimento da “*Commedia Dell’Arte*”, na Itália, por ocasião do teatro renascentista, é que as mulheres conquistam o direito de exercer papéis femininos, o que é copiado pela França e acaba conquistando a Inglaterra e toda a Europa. A atriz Therese du Parc foi a

Um episódio histórico não muito distante pode nos ajudar a refletir sobre as complexas relações entre teatro e diversidade sexual. Fry e MacRae (1985) narram como a *performance* de uma travesti foi alvo de reações de repúdio por parte de integrantes do movimento homossexual nos anos 1980. Na *performance*, que teve lugar na festa de confraternização do primeiro encontro nacional de grupos homossexuais organizados no Brasil, a protagonista tentava seduzir um halterofilista indiferente às suas investidas.

Os militantes consideravam o espetáculo uma exibição de grotesco “machismo”, com vaias e expulsão dos atores do palco. Esse acontecimento é interpretado por Fry e MacRae (1985) como indicativo de um descompasso entre a visão de mundo da plateia e a dos atores. A perspectiva supostamente igualitária defendida pelo movimento homossexual naquela época exigia afirmações de virilidade por parte dos homossexuais e desqualificava construções identitárias e condutas sexuais que evocassem qualquer tipo de “hierarquia de gênero”.

A intérprete vaiada e expulsa do palco pelos ativistas, Phedra de Córdoba, compõe hoje um dos principais grupos de teatro nos palcos da Praça Roosevelt, na cidade de São Paulo, Os Satyros.

Um pouco antes, nos anos 1970, o humor, o deboche e as sátiras aos estereótipos de gênero e papéis sexuais da época já eram representados no palco pelos *Dzi Croquetes*<sup>7</sup>. O grupo, entretanto, não se colocava como porta-voz de qualquer movimento que rotulasse a

---

primeira mulher a pisar no palco, interpretando o papel de Fedra, da obra de Racine. In <http://www.spescoladeteatro.org.br/curiosidades/09.php>

7 Grupo de atores/bailarinos brasileiros que interpretava shows irreverentes nos anos 70.

postura das interpretações que tentasse classificá-los como andróginos, marginais ou transviados. Sem sucesso, a imprensa também insistia em classificar o espetáculo dentro de algum gênero artístico (LOBERT, 1979)<sup>8</sup>.

Tais intervenções, entretanto, não deixaram de contribuir para as reivindicações das minorias daquele tempo. Na música, a androginia na *performance* de artistas como David Bowie e Ney Matogrosso poderia ser tomada, de um ponto de vista analítico, como expressão de contestação a papéis sexuais, ainda que a fala de Matogrosso não sugerisse o contraponto. “Não vim para esclarecer nada. O que eu puder confundir, eu confundo” (TREVISAN, 1986, p.135).

Para Lobert (1979), essas manifestações culturais, que emergem da contracultura - dentre elas os Dzi Croquetes - contribuem com um novo discurso aos símbolos e aos rótulos produzido até então pela ciência positiva e, de certo modo, impulsionam o ativismo e uma nova agenda política.

Das manifestações e contestações à repressão sexual dos anos 1970 para a agenda política dos anos 1980, o movimento homossexual aponta para um projeto de politização da questão da homossexualidade (CARRARA *et al.*, 2010, p.87).

Nesse novo cenário, no final dos anos 1980, a reivindicação de direitos civis plenos foi a principal pauta com a revisão da Constituição Federal. Apesar da presença do movimento homossexual no debate político da elaboração da Carta Federal de 1988, a não inclusão da

---

8 “Os Dzi Croquetes não são representantes do Gay Power, nem dos andróginos, nem dos homens, nem das mulheres, nem dos brancos, nem dos pretos, mas de todos. Porque ou a gente representa todos ou então não representa nada” (LOBERT, 1979, p.215).

orientação sexual e da identidade de gênero como situações de discriminação naquele texto reflete o momento político desfavorável aos grupos de defesas de direitos desses indivíduos (VIANNA e CARRARA, 2008).

Contudo, reconhecem Vianna e Carrara (2008), a Constituição de 1988 é um marco na garantia de direitos fundamentais na medida em que tais preceitos ampliam o leque de conceito de família, direitos sexuais e reprodutivos, permitindo avanços na esfera do Judiciário ante aos desdobramentos interpretativos de seus dispositivos norteados em compromissos de tratados internacionais de direitos humanos e as discussões da complexidade dos conceitos de gênero, identidade de gênero e orientação sexual, chamando a atenção para além da categoria das mulheres e reconhecendo as demandas de travestis e transexuais, redesenhando a pauta de direitos de gênero no Brasil.

Acompanhando essa pauta localizamos a criação do Programa de Ação Cultural, conhecido com Proac-LGBT<sup>9</sup>, na Secretaria de Estado

---

9 O Proac – Programa de Ação Cultural foi criado pela Lei 12.268, de 20/02/2006, e é dividido em duas formas de apoio: 1. Editais/Concursos: apoio por meio da seleção pública de projetos, cuja premiação é proveniente de recursos orçamentários da Secretaria de Estado da Cultura; e 2. Incentivo Fiscal (ICMS): apoio por meio de patrocínio(s) de contribuintes habilitados do ICMS a projetos previamente aprovados pela Secretaria de Estado da Cultura, com os seguintes objetivos: apoiar e patrocinar a renovação, o intercâmbio, a divulgação e a produção artística e cultural no Estado; preservar e difundir o patrimônio cultural material e imaterial do Estado; apoiar pesquisas e projetos de formação cultural, bem como a diversidade cultural; apoiar e patrocinar a preservação e a expansão dos espaços de circulação da produção cultural.

Criado no ano de 2010, o Proac LGBT é um edital que visa à promoção das manifestações culturais com temáticas LGBT, a exemplo de editais voltados à cultura indígena e outros, com um aporte de recursos de R\$ 500 mil reais em 2010. No ano de 2011, os recursos foram ampliados para R\$ 700 mil reais e contemplaram 34 projetos, seis deles do interior do Estado em atendimento aos requisitos do edital.



da Cultura de São Paulo, no ano de 2010, com o objetivo de fomentar manifestações culturais que têm inserido a questão da diversidade sexual e o respeito à diferença, de modo a criar oportunidades para projetos invisíveis ao mercado cultural, mas de grande relevância para a sociedade, na medida em que propõem um debate sobre discriminação, preconceito e intolerância.

A medida surge com a criação da Coordenadoria de Estudos de Raças, Etnias, Religião e Diversidade naquele órgão estatal, na esteira da regulamentação do Plano Estadual de Enfrentamento à Homofobia e Promoção da Cidadania LGBT<sup>10</sup> na rubrica da pasta.

No ano de 2011, dos 158 projetos inscritos, aproximadamente 60% eram de espetáculos teatrais. Dentre as peças indicadas ao Prêmio Shell-São Paulo 2011, contemplada com o Proac LGBT de 2010, Luis Antônio-Gabriela, anteriormente citada, concorreu em cinco categorias.

O Prêmio Shell<sup>11</sup> já havia premiado outras peças que discutem a temática da sexualidade, entre elas, A Vida na Praça Roosevelt, do grupo Os Satyros, escrita pela alemã Dea Loher, que, no ano de 2004, a convite de um amigo, mergulhou no universo de frequentadores da Praça Roosevelt, no centro de São Paulo, para compor a sua dramaturgia. A peça aborda a solidão, o amor e as perdas de um traficante, um policial, uma travesti, uma secretária e uma transexual.

---

10 Decreto nº 55.839, de 18 de maio de 2010, Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania, que institui o Plano Estadual de Enfrentamento à Homofobia e Promoção da Cidadania LGBT.

11 O Prêmio Shell é o prêmio mais tradicional do teatro brasileiro e foi criado em 1989.

Hipóteses para o Amor e a Verdade<sup>12</sup>, do mesmo grupo, discute a solidão de cidadãos nas grandes cidades e sua relação com as redes sociais e a tecnologia virtual. A peça conta com cinco travestis e transexuais em seu elenco e foi indicada ao prêmio em 2010.

Desse modo, pretendemos aprofundar um tema resultante de trabalhos ainda tímidos com relação à instituição de uma cultura LGBT, com o objetivo de investigar se a arte pode dar visibilidade à interação dos sujeitos objetos da pesquisa e disseminar o debate sobre gênero e sexualidades na sociedade.

### Exclusão social e busca da ocupação profissional

O tema sobre processos de exclusão e situações de vulnerabilidade de transexuais e travestis ganha cada vez mais espaço nos debates acadêmicos. O conceito de que tais sujeitos são portadores de transtornos de disforia de gênero - portanto, doentes - e que tem justificado a inclusão da patologia no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, da Associação de Psiquiatria Norte-Americana (APA) e do Código Internacional de Doenças - CID, da Organização Mundial de Saúde (OMS), só contribui para justificar cada vez mais o isolamento e a discriminação de travestis e transexuais na sociedade.

O respeito à autonomia dos sujeitos sobre seus corpos e suas vidas, conforme sugere a antropóloga Berenice Bento<sup>13</sup>, é cotidianamente

---

12 Hipóteses para o Amor e a Verdade, com direção de Rodolfo García Vázquez, da Companhia de Teatro Os Satyros, está em cartaz na cidade de São Paulo desde maio de 2010, no Espaço do Satyros 1, na Praça Roosevelt. Fonte: <http://satyros.uol.com.br/index.php/noticias/84-hipoteses-para-o-amor-e-a-verdade>

13 Precisamos pensar no que significam as dores do sujeito, seu sofrimento. Eles

violado sem qualquer justificativa legal e ética.

O poder/saber médico (BENTO, 2008, p. 121) nos procedimentos prévios que indicam a intervenção cirúrgica e o processo de regularização da documentação junto ao Poder Judiciário pressupõe essa postura autoritária. O acesso a esses procedimentos é condicionado a laudos que vão concluir pelo diagnóstico patologizante. Da classificação dos indivíduos em homens e mulheres à afirmação de que o sexo é construído socialmente, as cirurgias de fabricação do “verdadeiro” sexo refletem muito mais a busca pela normalidade sexual do que o direito à livre expressão de gênero. Estas, aponta Carrara et al(2010, p.55), “devem ser consideradas no registro dos direitos humanos como uma demanda relativa à livre expressão de gênero”. Estudos, entretanto, como de Bento (2008) estão desmistificando a patologia, sugerindo que a suposta doença desse grupo de pessoas é uma forma de expressão do potencial humano para a diversidade e a criatividade.

Esse, aliás, é o ponto central da campanha mundial “Stop Trans Pathologization – Pare a patologização de trans!”, que tem angariado um número cada vez maior de simpatizantes mundo afora.

A campanha iniciou em 2007 em Madri, Barcelona e Paris (BENTO e PELÚCIO, 2012) e surgiu como uma resistência à medicalização do gênero pelo saber médico. No Brasil, Conselhos Regionais de Psicologia abraçaram a campanha e têm intensificado a sua atuação junto aos

---

têm capacidade de decidir sobre o que querem sobre seus corpos e suas vidas. Eles não precisam ser tutelados pelo Estado. É preciso mudar o foco de uma concepção autoritária, pois hoje o transexual precisa de autorização de toda uma equipe médica e o processo é bastante complicado, e depois disso ele pode fazer a cirurgia. É preciso ter foco na condição plena desse sujeito. in <http://paradiversidade.com.br/2010/?p=328>

profissionais da área.

Bento e Pelúcio (2012, p.572), ao abordarem sobre a politização das identidades abjetas, relatam que o saber médico tem insistido na *proliferação de novas categorias médicas que continuam patologizando comportamentos* a partir da regra heteronormativa. Foi assim com a homossexualidade e temos assistido o mesmo no que se refere às identidades trans, ou seja, todos aqueles que fogem ao padrão binário de gênero e sexo são catalogados pelos documentos conhecidos como DSM-IV e CID-10. Daí a importância histórica da campanha na medida em que se cobra dos saberes psi (psicologia, psiquiatria e psicanálise) uma profunda análise sobre a classificação do gênero como categoria naturalizada e normalizada de uma sociedade concebida sob o manto de uma norma heteronormativa.

Esse conceito histórico da sexualidade elaborado pela sociedade ocidental hierarquizou relações de poder e ainda hoje influencia comportamentos discriminatórios, produzindo sujeitos e identidades sexuais de diferentes maneiras. Assim, tudo o que se “desvia” de uma conduta padronizada gera uma sombra.

É como se a sociedade afastasse para a margem tudo o que está em desacordo com o padrão hegemônico. A conduta sexual - ou ainda antes, o desejo sexual - aos olhos de tais instâncias, só se valida como modo de perpetuação natural e/ou social, e tudo o que fuja de tal padrão está exatamente na rota dessa repressão. As diversas instâncias sociais agem conjuntamente corroborando a opressão, destaca Foucault (2010):

(...) quer se lhe empreste a forma do príncipe que formula o direito, do pai que proíbe, do censor que faz calar, do mestre que diz a lei, o sujeito é constituído

como sujeito – que é “sujeitado” – e aquele que obedece. À homogeneidade formal do poder, ao longo de todas essas instâncias, corresponderia naquele que o poder coage – quer se trate do súdito ante o monarca, do cidadão ante o Estado, da criança ante os pais, do discípulo ante o mestre – a forma geral da submissão (p. 95).

Ao considerar a argumentação de Rubin (2003, p.26), que vai sinalizar que se “é difícil para pessoas gays encontrarem emprego onde não precisem fingir, é duplamente ou triplamente mais difícil para indivíduos mais exoticamente”, e de Becker (2009), ao recomendar que aos desviantes não tem restado alternativas senão buscar novos cenários além das ocupações convencionais e de maior prestígio, vamos encontrar na fala das entrevistadas as consequências de se viver sob o catálogo de uma categoria diagnosticada.

Na mesma linha, Scott (1995, p.71/99) vai sugerir que gênero é uma relação de poder político de grande impacto na sociedade na medida em que questiona “Qual a relação entre as leis e o poder do Estado? (...) Qual a relação entre a política do Estado e a descoberta do crime da homossexualidade? Como as instituições sociais têm incorporado o gênero nos seus pressupostos e na sua organização?”. Dentre outros pontos pertinentes a contestar, os terrenos construídos por uma hierarquia de poder devem ser “objeto de redefinição e reestruturação em conjugação com uma noção de igualdade política e social que inclui não só o sexo, mas também classe e raça”, conclui a autora.

Assim, no que tange aos discursos sobre as diferenças socialmente construídas que estigmatizam sujeitos, particularmente travestis e transexuais, na base da pirâmide de estratificação sexual

sugerida por Rubin, nosso artigo chama a atenção para a socialização desses sujeitos no cenário urbano e as mudanças observadas na interação desses sujeitos no cotidiano das cidades, ainda que a discriminação e o preconceito sejam sentidos no que se refere às oportunidades das ocupações profissionais, como apresentam as narrativas, e atuem de forma preponderante como elementos estruturantes das relações de gênero.

Apresentaremos, ainda, a partir das entrevistas, a leitura que os entrevistados fazem acerca do conceito de estigma e como lidaram com isso ao longo da vida e no teatro. Silva e Florentino (1996, p.107), ao abordarem o histórico dos papéis interpretados pelas travestis durante os últimos 30 anos e a inserção delas no universo urbano, mostram que o que há de novo é a “circulação dos mesmos em intensa relação com a sociedade abrangente”, sugerindo que desde a quebra dos “limites clássicos entra casa e a rua” a travesti também passa a ocupar um lugar além das fronteiras simbólicas.

O antropólogo Julio Simões (2005), ao analisar a interação dos homossexuais no espaço urbano de São Paulo, mostra que a mancha que antes era restrita à região central da cidade se expandiu para os bairros Jardins, Pinheiros, Itaim Bibi, Vila Madalena e Moema, onde os estabelecimentos são voltados para um público de classe média.

Contudo, destaca Simões (2005, p.321), ainda que “os garotos de programa e travestis não circulem pelas ruas de movimento da região com a mesma desenvoltura como as do Centro” e que cada mancha tenha a sua particularidade, o importante é a circulação que se dá entre elas.

Segundo Simões (2005, p. 330), por mais ampliado, diversificado e pluralista que seja o “gueto”, ele é um indicador da tensão recorrente entre os esforços de “pluralizar o universal” e, de certo modo, “apresenta-se como um espaço protegido diante da intolerância”.

Ainda na esteira das relações de gênero, a marginalidade e o desvio, competem diariamente com qualquer quadro que venha desestabilizar ou alterar o cotidiano heterossexista. Uma disputa que passa pelo poder político cultural. Os delitos de intolerância homofóbica<sup>14</sup> registrados na região da Avenida Paulista, na cidade de São Paulo, revelam que essa é uma reação à circulação dos sujeitos que não correspondem ao padrão heterossexual da sociedade.

Sobre o tema, encontramos em Elias e Scotson (1994) a ideia de que os rótulos de inferioridade talvez sejam a grande arma dos detentores do poder como valor humano em qualquer segmento da sociedade, entretanto, há que se considerar na abordagem dos autores que na sociedade moderna quase sempre estamos *protagonizando* roteiros previamente arquitetados pelas instituições, pela ciência e pelo conhecimento, os quais rotulam, normatizam regras, constroem conceitos e regulam as interações a partir de um importante instrumento, o poder, seja na condição de estabelecidos ou de outsiders.

A respeito das regras impostas pela sociedade, Becker (2009, p. 151)<sup>15</sup> argumenta que a gênese do discurso moral é fruto do que ele

14 <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2010/11/grupo-usou-lampadas-como-bastao-para-agredir-jovens-na-paulista.html> e <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/sp/casal-gay-e-agredido-na-regiao-da-avenida-paulista/n1597253412836.html>. Acessado em 06/09/2013

15 “As regras são produtos da iniciativa de alguém e podemos pensar nas pessoas

chama “de empreendimento moral com a criação de um novo fragmento da constituição moral da sociedade, seu código de certo e errado”.

Nesse aspecto, a investigação sobre a interação de travestis e transexuais no espaço urbano, nos termos em que sugere esse estudo, é um desafio às indagações da antropóloga Carole Vance (1995) no que se refere ao comentário teórico sobre a redescoberta da sexualidade pela antropologia. Para a autora, esse fato vai forçar a antropologia a redescobrir a sexualidade, bem como o seu papel como observadora da vida humana.

O projeto inicial planejava investigar a possível aproximação de cidadãos travestis e transexuais no cenário artístico paulistano por meio de pesquisa qualitativa de caráter exploratório e entrevista semiestruturada como método de estudo, além da análise documental e bibliográfica. Contudo, e por sugestões dos próprios entrevistados, os depoimentos foram colhidos por meio de uma conversa informal, sem perguntas pré-estabelecidas. As entrevistadas foram orientadas sobre o trabalho acadêmico e sua divulgação. A exposição pública de algumas entrevistadas, atores/atrizes na cidade de São Paulo, possibilitou a identificação das mesmas como da atriz Phedra de Córdoba e Leo/Lou. A identificação de Leo/Lou foi autorizada por meio de termo de consentimento. Outros, entretanto, foram identificados com nomes fictícios.

---

que exibem essa iniciativa como empreendedores morais. (...) O protótipo do criador de regras, mas não a única variedade, como veremos, é o reformador cruzado. Ele está interessado no conteúdo das regras. As existentes não o satisfazem porque há algum mal que o perturba profundamente. Ele julga que nada pode estar certo no mundo até que se façam regras para corrigi-lo”. (BECKER, 2009, p.153).



O universo da pesquisa englobou grupos teatrais que têm inserido o debate da diversidade sexual na cena teatral, incluindo dramaturgos, profissionais e atores transexuais e travestis, na cidade de São Paulo.

Dentre os temas explorados no roteiro, abordaram-se a trajetória desses cidadãos, a procedência, a vida familiar, a sociabilização no espaço escolar, as oportunidades profissionais, a relação e a interação com as atuais redes sociais de convivência, bem como com o espaço urbano e as expectativas sociais com relação às artes.

A pesquisa apontou ainda a chegada dos teatros à Praça Roosevelt, no Centro da capital paulista, por meio de análise documental, sua instalação na região, no início dos anos 2000, e a interação entre os sujeitos e a arte.

Os entrevistados residem na cidade de São Paulo e, apesar das origens e trajetórias de vidas bem diversas, apresentam pontos em comum: as tensões em busca de uma atividade remuneratória dentro das convenções habituais e o encontro com o teatro.

A indiferença ou a ausência da família, a exclusão do ambiente escolar, a invisibilidade do desejo, as descobertas da adolescência e a difícil tarefa de sobreviver na sociedade, com exceção de Phedra de Córdoba, cujo contato com a arte se dá logo na infância, apesar das inúmeras adversidades de que a vida não lhe poupou, são presentes na fala de cada uma das entrevistadas. A maioria se origina de outras cidades do estado de São Paulo, de outros estados brasileiros e até mesmo do Exterior, sempre em busca do suposto encantamento que a cidade grande poderia proporcionar em suas vidas.

Todas enfatizam as perspectivas de um bom emprego, de fazer uma carreira e de conhecer gente nova, na ilusão de que na metrópole tudo é muito mais fácil, ou menos conservador. É o que vai revelar Bruna, que saiu de sua cidade, no interior do Ceará e chegou a São Paulo depois de inúmeras tentativas frustradas de emprego e de paixões pela capital cearense.

A militância, a prostituição, o desemprego são outras de suas experiências na metrópole. Observa-se na fala das entrevistas a afirmação de que encontraram oportunidades de emprego e de cidadania ao serem apresentadas ao teatro.

Que arte é essa? Qual a relação do teatro com a diversidade sexual? A seguir, apresentamos os depoimentos na tentativa de sugerir possíveis caminhos investigativos sobre o tema para as ciências sociais, ainda que o mesmo não se apresente como inusitado.

## Identidade reinventada

Phedra nasceu Felipe Rodolfo Acebal, em 26 de maio de 1938, em Havana, Cuba. Logo na primeira infância percebeu que gostava de dançar e que seu corpo não correspondia à sua identidade. Protegida pelo pai nas constantes desavenças que tinha com a mãe e uma irmã, que não aceitavam sua identidade de gênero, encontrou apoio do genitor e foi estudar dança. Aos treze anos, ingressou na escola de teatro. Já com dezesseis, fugiu de Cuba e iniciou uma série de turnês com uma companhia pela Europa, pelos Estados Unidos e depois pela América do Sul. Numa dessas turnês conheceu, em Buenos Aires, o produtor brasileiro Walter Pinto e veio para o Brasil, em 1958, com quase 20 anos,

## fazer Teatro de Revista:

A minha grande paixão era o palco, com 13 anos, já estava fazendo teatro amador. Naquela época, eu já entendia minha sexualidade, mas não poderia assumir: eu vivia em Cuba. Mesmo assim, nunca aceitei que me chamassem de travesti; para mim, era algo como menosprezo. Mas o termo transexual é algo que soa como canção, tem sílabas melódicas. Por conta do trabalho que iniciei, em 1953, com a companhia espanhola Cabalgata, estive no México, na Venezuela, nos Estados Unidos, em Porto Rico. Ao final da turnê, voltei para Havana. Lá, discuti com minha mãe, e resolvi que não ia morar com minha família. Fui viver na casa da Lupe, uma dançarina que era minha parceira de espetáculo. Nós duas formamos um grupo com uma peruana e uma espanhola. Fomos para o Panamá e nos apresentamos por uma temporada em um cabaré de luxo. Quando terminou o contrato, conseguimos um empresário espanhol que nos levou para Nicarágua, Costa Rica, Guatemala, Bolívia, Colômbia, Peru e Chile. No fim, rompemos com o empresário porque ele nos explorava muito. Eu e a Lupe resolvemos fazer uma dupla: “Sevilla e Córdoba”. Em Cuba eu jamais poderia assumir o “transexualismo”. Havia muita repressão. Meus pais já percebiam que eu era diferente. Meu pai devia saber quem eu era: minha mãe, não. Ela nunca aceitou minha sexualidade. E, quando já estava no Brasil, decidi dar vida à mulher que havia em mim. E foi assim: Felipe deu vida a uma mulher que se chama Phedra. A Phedra nasceu assim como uma deusa mitológica, mas na vida real. A partir daí resolvi tomar hormônios e aos poucos fui me transformando.

Vim para São Paulo e foi quando conheci os fundadores dos Satyros, Ivam Cabral e Rodolfo Garcia Vasquez. Então, me convidaram pra estrear o espetáculo “A Filosofia na Alcova”, do Marquês de

Sade. A Roosevelt é a minha casa. Aqui sou diva.

O teatro sempre foi o meu ganha-pão, a minha realização, o espaço onde eu era quem eu realmente sempre quis ser. Lutei muito para isso. Tenho muitos amigos no meio artístico. Não tenho dinheiro, mas vivo bem e feliz.

A história de Phedra chama a atenção de inúmeros pesquisadores que transitam pela Roosevelt. A passagem já relatada pelos antropólogos Peter Fry e Edward MacRae (1985) revela que a Diva da Roosevelt já experimentava e tentava inserir, no início do movimento sexual, o tema das sexualidades no palco na agenda política.

E nessa agenda Phedra de Córdoba certamente não passou incólume; pelo contrário, aos 72 anos, continua a ser personagem de uma vida real, reservando, a cada peça, um pedacinho de uma história que passa pelas relações conturbadas com a mãe e a irmã, pelas tensões da adolescência na busca de um projeto pessoal, tanto no sentido do prazer pela dança e pelo teatro, quanto em relação àquilo que se entrelaça ao seu projeto sexual, o de fazer teatro de mulher. No ano de 2012, a atriz/dançarina foi escolhida como a personagem do teatro brasileiro pelo site cultural R7.

Em busca da estética radical

Leo nasceu Lou. É ator, iluminador e estuda teatro na SP Escola de Teatro. Seu último trabalho foi na Companhia de Teatro Os Satyros, em Cabareth Stravaganza. A peça, vencedora do Prêmio Shell 2012 na categoria iluminação, desenvolvida por Leo, rendeu-lhe os recursos para

realizar um grande sonho: a cirurgia de mastectomia e a adaptação de seu corpo ao que ele chama de sua real identidade.

Leo, entretanto, chama a cirurgia, a que foi submetido em julho de 2012, de “experiência estética radical”. Aos 53 anos, Leo/Lou sabe que essa é uma das condições para finalmente virar Leo. Esta, entretanto, é outra luta que ele precisa conquistar no Judiciário, diante das exigências da redesignação de sexo para obter a sua identidade masculina: a retificação de registro civil.

Leo nasceu no Interior de São Paulo e desde a infância se vestia como os meninos de sua cidade. Adorava jogar bola, de *shorts* e sem camisa. Naquele tempo ainda podia se vestir como os colegas:

Um dia, acho que por volta dos sete anos, a mãe me fez vestir o uniforme escolar. Era uma saia plissada. Eu não queria usar aquilo. Mas minha mãe insistia. Dizia que eu era menina. E eu fui chorando pra escola. Era um menino numa roupa de menina.

O menino de São Simão foi para São Paulo viver como menina. Já aprovado no vestibular de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo, Leo vira militante feminista e ingressa na banda *punk*, *As Mercenárias*.

A grande paixão de Leo será a travesti Gabriella. Com ela se casa como Lou e ela com o nome de origem, masculino. Mas, no ano de 2004, o casal é obrigado a se separar. Envolvido com tráfico de drogas, Leo é preso e Gabriella vai morar na Europa.

Após a experiência da prisão, Leo decide procurar ajuda na Coordenadoria de Diversidade Sexual da Prefeitura de São Paulo. Orientado pelo órgão na busca de oportunidades, vai fazer oficina de

teatro e conhece *Os Satyros*. Ali começa sua relação com o teatro e com o novo personagem.

Aqui eu me reencontrei. Fui bem recebido. As pessoas me respeitam. Estou estudando iluminação na SP Escola de Teatro. Saí da prisão apenas com minha carteira de identidade. Eles me acolheram e hoje atuo em *Hipóteses para o Amor e a Verdade*<sup>16</sup> e sou assistente de iluminação. É aqui que quero construir Leo.

Ao mesmo tempo, Leo afirma que nem ele sabe ao certo quem é: “homem, mulher, transexual, o que eu sou? Acho que sou pós-gênero”. O relato dele nos revela uma vida na qual ele nunca se enquadrou. Os rótulos, códigos e símbolos marcados socialmente há séculos que hierarquizam relações de poder a partir da dimensão biológica de que o sexo distingue e define homens e mulheres, masculinos e femininos, a partir do sexo anatômico, não enquadrou o menino Leo/Lou, apesar das investidas da mãe.

Esse conceito naturalizado e determinado pelo corpo por muito tempo sustentou as diferenças entre homens e mulheres, prescreveu papéis de modo a adequar desde a infância o padrão azul e rosa e construiu comportamentos dóceis para as meninas e agressivos para os meninos com status de verdade.

---

16 *Hipóteses para o Amor e a Verdade*, peça da Cia. de Teatro *Os Satyros*, com direção de Rodolfo García Vázquez

## Memórias silenciadas e novos papéis

Luisa<sup>17</sup> trocou a Argentina pelo Brasil aos 19 anos, deixando amigos, família, amores, uma profissão com que ela sonha e uma pátria.

Nasci nos anos 60, vim pro Brasil cheia de ilusões e planos. Ninguém deixa seu país pra fracassar e o preço que se paga é muito grande. Você deixa seus queridos, seu amor, seus costumes. Você vem pra conhecer outra cultura com a ideia de conhecer oportunidades e vê que as portas se fecham.

De origem ítalo-argentina, Luisa não tem nenhum parente. Estão todos mortos. Orfã de mãe, conta que ninguém da família chegou a ver a sua transformação.

Tem gente que diz que sou assim porque me transformei na minha mãe. Não tem nada a ver. Tem algumas meninas que até são aceitas pela família. O único problema é quando a família te põe na rua, aí ficam o desamor e o desamparo da base de tudo que é a família. Pra sociedade, não interessa de onde eu venho. A sociedade vive de aparências. Nós somos o lado mais baixo da sociedade. Nós não destruimos família, não matamos ninguém. Até um criminoso é mais valorizado pela sociedade. O crime do criminoso passa; nós não. A mentalidade humana é domada por religiões; é assim que é. A luta é fortíssima, e repito; temos a arte, que nos ampara. Nós representamos o quê? Sexo. Nós somos sinônimos de putaria, libertinagem.

A inclusão nossa na sociedade só vai se dar no âmbito artístico, e sabe por quê? Porque a sociedade nos vê

---

17 Os nomes utilizados nesse estudo, com exceção de Phedra de Córdoba e Leo/Lou, são todos fictícios.

como levianas, como prostitutas. O pedágio social que nós pagamos é caríssimo, inclusive de nossa família.

Para Luisa, travestis e transexuais não são aceitas porque ousam ultrapassar as barreiras e os rótulos. E até reconhece que algumas colegas conseguem um emprego. Para ela, uma pessoa medíocre não tem a menor dificuldade em conquistar um emprego numa disputa com uma travesti ou uma transexual qualificada.

Eu me prostituí e volto a repetir: nossa oportunidade de sobrevivência é no meio artístico, e com muito cuidado. Eu estou vivenciando um sonho, jamais me imaginaria nesse lugar, maravilhosamente.

Luisa já sofreu dois atentados contra a sua vida “e não foi trabalhando na noite como prostituta”. Porém, afirma que os dois casos tiveram conotação sexual. Insiste que travestis e transexuais nunca estão seguras e despeja a sua carga emocional contra a sociedade.

Você perdoa, mas não esquece. Quando aparece uma coisa como essa, você acha que tá sonhando. No meu caso, aos 50 anos, se eu ficar aqui posso vir a ter uma aposentadoria. Às vezes eu ouço: “porque você não vira homem outra vez?”. Tive carteira assinada aos 49 anos. Tenho medo de acordar e achar que estou num sonho.

Não me coloco numa posição de vítima, e sim de dentro da minha vida ser a protagonista da minha história. Você pode não ser um profissional da medicina, mas você pode estar no mundo da arte. Qual a opinião da sociedade a respeito dos negros? que eles podem ser um cantor, um esportista. Eu rezo para que através do nosso trabalho, através da arte em geral, possa fazer com que pelo menos as futuras



gerações de travestis e transexuais tenham mais oportunidades. Um homossexual pode fazer sua vida, trabalhar e casar-se. Nós não, porque nenhum homem sai às ruas com nós, porque a sociedade nos condena. Homens casados me procuram, me procuram às escondidas, depois saímos do motel do mesmo jeito que entramos: e ele não me pega na mão.

Formada na Aeronáutica aqui no Brasil, Luisa tem uma paixão especial pelo mundo da aviação. Concluiu o curso aos 26 anos no Campo de Marte, em São Paulo. Conquistou a carteira do Ministério da Aeronáutica, do Departamento de Aviação Civil, mas nunca trabalhou na área. Destaca que o melhor dia do ano pra ela é o domingo aéreo no Campo de Marte (dia da aviação).

Nesse dia eu me descontrolo, eu amo esse dia, o dia do ano talvez mais feliz para mim. Nem sequer o dia de meu aniversário é tão feliz como aquele dia. Eu espero o ano inteiro por esse dia. Me formei, tenho vários títulos, mais especialidades. Pergunta se eu trabalhei na área? Eu não trabalhei. Você já viu uma travesti em cima de uma aeronave? Mesmo que você demonstre atitudes brilhantes, talvez você tenha oportunidades em repartições públicas ou no mundo artístico.

Eu sempre trabalhei com migalhas. Um dia eu saí de um curso e eu não tinha dinheiro pra despesa em casa. Um senhor me cantou e fiz programa com ele. E, com os 50 reais que eu ganhei lá no quarto do hotel, em 6 minutos, fiz minha despesa. Daí pensei: meu Deus! “O empregado dele deve trabalhar o dia todo e ganha isso”. Será esse nosso papel? Eu gosto disso, não? Eu não tenho problemas em fazer qualquer trabalho. A TV até pouco tempo dizia “Ajude a quem já cumpriu a sua pena”. Então, ele já cumpriu a sua

pena e quer trabalhar. E eu digo novamente: Qual o crime que nós cometemos? Quem quer trabalhar como prostituta, porque tem vocação e não se sente mal, dá o sustento pra ela, ótimo, tudo bem, mas e aquelas que não querem, que estão se congelando numa noite de 5 graus, porque se não prostituir hoje, amanhã não come. Porque eu conheço um monte de meninas transexual e travesti que não querem se prostituir.

Hoje, depois que foi trabalhar numa atividade relacionada ao teatro, frequente, na medida do possível, o circuito cultural. Para ela, o artista é uma pessoa especial, com mente aberta, e arte tem lhe proporcionado perspectivas e oportunidades.

A religião castra o ser humano e o controla. Isso é um fenômeno cultural. O ser humano precisa de alguém que o controle. A arte se contrapõe, mostra que nosso lado humano existe. Aí está a chave. A arte é a grande chave e nesta chave está a nossa salvação, quebrando as barreiras da intolerância, e talvez nós sejamos aceitas. Quem sabe assim as pessoas compreendem que não estamos violentando a sociedade.

Nem doença, nem perversão: a redescoberta de Bruna

Bruna nasceu no Ceará. Trabalha numa instituição relacionada ao teatro e atualmente está no elenco de uma peça em cartaz na cidade de São Paulo.

Eu sou de família religiosa, evangélica, cresci com princípios bíblicos e fui criada nesse meio. Tenho 31 anos. Fui para a escola com 6 anos e sempre estudei em colégios públicos.

Bruna descobre já na infância que era diferente dos meninos de sua rua e da escola. Para ela aquilo que parecia normal, coisa de criança, era na verdade o desabrochar da sexualidade. Sentia prazer na companhia dos meninos ao mesmo tempo em que mantinha relações com os colegas:

O fato mais marcante da minha sexualidade foi numa festa do aniversário da filha de um pastor. Estávamos todos sentados na sala. Eu era inocente e sentei-me no colo de um primo, como sentava no colo de qualquer um e de repente eu senti que alguma coisa estava desenvolvendo entre as pernas dele. Eu devia ter em torno de 7 anos. Ele me levou pra casa dele e abusou sexualmente de mim. Não sei se foi isso que desenvolveu meu comportamento, a minha sexualidade. E assim foi até os 14 anos. Eu percebia que meus costumes eram diferentes dos meninos. Tiravam sarro de mim, faziam piadinhas que me chateavam muito. Ficava irritada, mas tinha relações com meus coleguinhos. Eu achava que era coisa de criança. Eu era mulher de todos os meninos.

Na adolescência, a sexualidade descortina-se para ela. A irmã nunca permitiu que ela brincasse de casinha em sua companhia. A família a proibia de tudo, o que fez com que a adolescência fosse para ela a pior fase de sua vida. A ausência dos pais marcou muito esse período, já que nunca conversaram com ela sobre a sua “diferença”, o que lhe causava sofrimento e indecisão. Até o dia em que uma tia recomendou à mãe que a levasse para um psicólogo. Outra experiência difícil:

Tudo que ele me perguntava eu dizia “sim”. Meu medo era ele contar para minha mãe, que ele revelasse a minha sexualidade para ela, já que minha mãe era homofóbica. Dizia que preferia ver um filho numa cadeira de rodas, do que virar mulher.

Aos 18 anos, decidiu sair de casa e foi morar com um tio. Foi então que passou a cuidar do pai da tia, internado na Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza. O ambiente deixou Bruna encantada:

Achei muito legal ver que homossexual trabalhava na Santa Casa. Pensei que lá eu poderia arrumar trabalho. E foi o que aconteceu.

Na Santa Casa de Fortaleza, Bruna foi trabalhar como telefonista. Em seguida, deixou a casa do tio e foi morar com uma prima da mãe.

Era como uma segunda família. Foi uma época boa. Eu ia com minhas primas pro forró e me sentia muito bem. Mas minha mãe não gostava que eu morasse lá, porque achava que aquele não era ambiente para mim, porque essa prima tinha um bar. Então, depois disso eu fui morar com 3 rapazes evangélicos, mas eu mesma descobri que não era aquilo que eu queria. Eles eram rapazes e eu queria me transformar.

O processo de transformação de Bruna começa com a descoberta de uma praça próxima à Santa Casa, onde as travestis faziam ponto. Lá ela começa a se sentir mais confusa com relação a sua sexualidade:

Eu achava tudo muito lindo. Elas não eram bonitas, mas eram o que eu queria. Daí um colega homossexual me sugeriu usar hormônio e meus seios foram crescendo e eu comecei a usar blusas folgadas no trabalho para ninguém perceber.

Nessa nova fase, já morando sozinha, passa a frequentar boates e se encanta com as *performances* das *drag queen*. Em sua fala, revela que o contato com outras orientações sexuais e identidades de gênero faz com que ela fique em dúvida sobre que papel quer representar - *drag*,

transformista ou outros-, até que um colega sugere para ela “montar”<sup>18</sup>. Para ela, a rivalidade é o pior dos grupos. Além do preconceito que já sofrem na sociedade, o do meio em que vivem é muito pior.

Bruna não entendia a divisão dos grupos: lésbicas de um lado, *gays* de outros, travestis e transexuais de outro ainda. Foi quando ela começou a se sentir excluída do grupo de amigos e seguiu um novo destino. No fundo, o desejo de se enquadrar em uma concepção hegemônica das sexualidades acaba por desiludir Bruna nessa busca.

As decepções e a demissão no emprego fizeram com que Bruna, em 2002, mudasse para São Paulo com a intenção de se prostituir.

Depois de inúmeras experiências conturbadas pela capital paulista, com o uso de silicone e a prostituição, decide ir embora e morar com a irmã em Manaus, até o dia em que resolve voltar para a família, no Interior do Ceará.

Minha mãe chorou muito quando me viu de mulher, mas é minha mãe. Hoje ela vem me visitar. Para meu pai, eu sou o filho dele, e hoje eu o respeito na sua decisão.

A volta para São Paulo imprime um novo olhar na vida de Bruna. A prostituição não mais lhe encanta. Decide arrumar emprego e procura ajuda no Centro de Referência da Diversidade – CRD. É encaminhada para o Centro de Combate à Homofobia e para a Coordenadoria de Assuntos da Diversidade Sexual – CADS, da Prefeitura de São Paulo. Selecionada pela CADS foi indicada para trabalhar numa instituição voltada para o

---

18 Montar – expressão que surgiu do universo das travestis, “montada” é o homem que se veste de mulher.

teatro.

Estou muito feliz de estar aqui. [...] Aqui vejo que tenho muitas chances e estou me redescobrando. Adoro atuar, ainda mais em interpretações performáticas. Meu sonho é fazer teatro. Aqui eu fiz família, não me viram como um extraterrestre. Eles me devolveram a alegria de viver. Eu era muito solitária. Eu acho que, referente aos cidadãos LGBTs, eles podem conseguir um cargo em qualquer empresa. Pena que as empresas não estão preparadas pra isso, pra nos receber. Aqui é o diferencial e ela pode ser um ponto de partida para que haja incentivo para outras empresas. O teatro inclui independente de sexo. Se a pessoa tem talento, ela é aceita lá. Eu acho que ainda faltam políticas públicas sociais de inclusão.

O sonho de Bruna é estudar psicologia, fazer cirurgia de redesignação de sexo e mudar o pré-nome. Para ela, conhecer a experiência de vida das pessoas e ajudá-las a compreender quem são ou até mesmo tentar descobrir quem ela própria é passa pelo sonho da psicologia.

Encontramos na fala de Leo, Bruna e Luisa a afirmação de que há uma disposição de inclusão dos sujeitos no meio artístico por meio do teatro. Entretanto, em contraste ao argumento da própria Bruna quando ressalta que, se a “pessoa tem talento, ela é bem aceita”, nos parece que a conquista da inclusão ou empregabilidade nessa ocupação, pressupõe, assim como em qualquer outra, a capacitação profissional de cada um.

As desordens psicológicas e físicas e a homofobia invisibilizada

Junia morava no Interior do Estado de São Paulo. Ainda se

sente uma imigrante na metrópole. Ativista do movimento LGBT há aproximadamente 10 anos, afirma que já fez de tudo na vida. Só não matou e usou drogas. Profissional do sexo, atualmente trabalha num ambiente voltado para o teatro, mas afirma que, uma vez profissional do sexo, sempre será profissional do sexo.

Começa a militar quando decide se assumir. Para ela, as tensões na família e no ambiente escolar são frutos da quebra com a ordem imposta.

A sociedade tem umas fórmulas impostas: ou você é homem ou mulher e, a partir do momento em que você se assume, você rompe com aquilo que esperam que você seja. Eu não me identifico como homem nem mulher. Eu sou travesti, num sou alguém que está no corpo errado. Eu decidi mudar. Eu mudei nome e roupas. Decidi tudo aos 16 anos. Fiz uma desordem total, isso pensando numa ordem imposta. E isso acarretou muita coisa na minha vida, as boas e as ruins. Eu adorava estudar, mas num pude estudar, fui expulsa do colégio sob uma chuva de pedras. E não teve um professor ou diretor que viesse intervir. Isso me afastou da escola. Eles não conseguiam lidar com alguém que não é homem ou mulher. Você não é aquilo que a sociedade quer que você seja.

Foi na prostituição que começou a ter noção da hipocrisia da sociedade. Destaca que os clientes não são bandidos ou pobres, mas pessoas que têm dinheiro e que fazem programa na noite e depois sequer as olham na rua.

Então, você começa a achar que é uma pessoa errada. Eu corria da polícia, e pensava “mas o que eu fiz?”. Tenho marcas no corpo de borrachadas que levei da polícia, sem saber o motivo. Se eu tivesse morrido, hoje seria uma notícia de jornal e iam vincular a

tráfico de drogas ou que eu tinha roubado cliente. E a pessoa que me esfaqueou foi apenas porque eu era travesti. Ele era hétero. Então, pensei que eu queria mudar essa situação.

Numa participação na Parada do Orgulho LGBT de São Paulo, Junia tem contato com a militância e decide mudar sua situação. Dedicada, percebe que é hora de cuidar de si própria e resolve procurar emprego em São Paulo. A militância ajudou a conquistar um espaço como palestrante, mas era preciso ir além e encontrar um emprego fixo.

Fui convidada para vir pra São Paulo, mas o emprego não rolava. Voltei para o Interior e vinha com frequência a São Paulo. Procurei a CADS. E foi quando eu fui selecionada para trabalhar num local vinculado ao teatro. Eu acho que agora tudo está muito na moda, como a questão da transexualidade, esse destaque dessas pessoas que são celebridades, daí a sociedade começa a discutir. Eu vi a peça Luis Antônio-Gabriela, que me emocionou. Era a nossa história ali. A peça revela um debate real da vida das travestis e transexuais. Ela dá uma grande visibilidade a esse debate, por exemplo, no que acontece com as políticas públicas, em que a continuidade é sempre uma preocupação. Aqui, há essa preocupação de ter um projeto que acolha travestis e transexuais, mas, e quando essas pessoas saírem daqui, como fica? No caso das cotas, eu não acho que é ruim, pois elas fazem um diferencial. E isso deve ser publicizado e copiado, pois vai criando perspectivas até ter um momento que as pessoas não vão ser discriminadas em outros espaços públicos.

Junia afirma que a grande saída para mudar a sociedade é a educação. Indica que a escola deve educar para a diversidade de um modo geral, e não apenas para a diversidade sexual, porque não existe



ninguém igual.

As pessoas são gordas, magras, negras, brancas, altas, baixas e etc. E isso tem de ser dialogado na família, na escola e em todos os espaços.

Trabalhar num espaço voltado para a arte ampliou o seu leque de amizades, suas redes de contatos e de identificações.

Por exemplo, hoje vou muito mais ao teatro. Eu parei pra prestar mais atenção em relação às atividades culturais, além de ter conhecido muita gente bacana, pessoas que eu fico me perguntando “onde estavam essas pessoas?” E esse é o grande diferencial da minha vida.

Para Junia, a militância serviu para mostrar, ampliar o conhecimento e exigir direitos e cidadania. Faz críticas ao uso do nome social, pois, para ela, não adianta ser chamada de um nome e continuar a ser observada com os olhares preconceituosos da sociedade.

Por que eu não posso mudar o meu registro? Eu acho que a luta da militância deve ser no sentido de mudar o pré-nome e não nome social, pois, ou eu existo ou não existo.

Nota-se no argumento de Junia uma disposição não observada na fala das companheiras, a de que a mudança do pré-nome não deve estar condicionada, medicalizada aos saberes médicos, mas ao desejo de existir como sujeito; uma autonomia que passa apenas e tão somente pelo seu desejo de ser quem realmente acha que é. Uma fala que se soma ao discurso de que tais sujeitos não são doentes, mas sujeitos de direitos.

## Considerações finais

As narrativas de Phedra, Leo, Luisa, Bruna e Junia apresentaram nas entrevistas pontos comuns nas relações afetivas, econômicas e sociais. Um desses pontos comuns, a prostituição, é um estigma que merece destaque em relação às travestis, “que não é regra, nem essência do travesti” (SILVA e FLORENTINO, 1996, p.112). Mesmo que grande parte transite no mundo da prostituição, o autor observa que, nesse caso, trata-se de fonte de renda, já que as barreiras apontadas pelo mercado de trabalho são inúmeras, restando-lhes tão somente ocupações de menor prestígio.

Observa-se na fala desses sujeitos a sensação de que a sociedade tenta moldá-los desde a infância. A discriminação acaba por isolá-los a um estado de anomia e anomalia, como cidadãos de segunda categoria.

Os discursos das tensões e das experiências que expõem as marcas das movimentações desses sujeitos e as adversidades decorrentes das desestabilizações das normas e dos rótulos da sociedade ostentam processos de exclusão que vão além do papel sexual de cada um. Phedra, por mais que tenha encontrado a arte ainda na pré-adolescência, vivenciou situações desfavoráveis tanto quanto Bruna, que veio do Interior do Ceará.

Como atores da sociedade contemporânea, nossa contribuição, ao explorar o universo das manifestações culturais, pauta-se no desenho de um novo caminho com vistas à desconstrução de visões influenciadas pela sociedade heterossexista que, ainda nesse século, concebe verdades em nome de um poder-lei, de um poder soberania tão bem traçados

lá atrás pelos teóricos do Direito e pelas instituições monárquicas (FOUCAULT, 1988).

Desse modo, ao explorar o trânsito desses sujeitos no mundo do teatro, nosso trabalho aponta caminhos que tratam travestis e transexuais como cidadãos detentores de individualidades próprias e comuns, profissionais cujas atividades se destacam entre iluminadores, recepcionistas, atores, atrizes e dançarinas, valorizados em razão de sua ocupação como qualquer outro no mercado de trabalho.

O teatro tem contribuído para esse debate nos últimos 40 anos, indica Moreno (2001), e faz surgir uma cultura que nesse novo século amplia o tema das sexualidades, sugerindo que a tragédia e a comédia podem ser “porta-vozes” de temas ainda travestidos e/ou silenciados em outras instituições, como a escola, a família, a igreja e a ciência.

## Referências Bibliográficas

BECKER, Howard S. *Outsiders*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

\_\_\_\_\_. *Mundos Artísticos e Tipos Sociais*. In: VELHO, Gilberto (Org.). *Arte e Sociedade – ensaios de sociologia da arte*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

BENTO, Berenice; PELUCIO, Larissa. Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 20, n. 2, Aug. 2012.

BORRILLO, Daniel. *Homofobia – História e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica ed., 2010.

CARRARA, Sérgio et al. *Sexualidade e Orientação Sexual*. Curso de Especialização em Gênero e Sexualidade. Rio de Janeiro: CEPESC, Brasília, DF: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, v.3, 2010.

\_\_\_\_\_. *Gênero*. Curso de Especialização em Gênero e Sexualidade.

Rio de Janeiro: CEPESC, Brasília, DF: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, v.2, 2010.

\_\_\_\_\_ A Construção do conhecimento em gênero e sexualidade: história e perspectivas. Curso de Especialização em Gênero e Sexualidade. Rio de Janeiro: CEPESC, Brasília, DF: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, v.5, 2010.

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade v.1 Vontade de Saber. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda, 2010.

ELIAS, Norberto e SCOTSON, John L. Os Estabelecidos e Os Outsiders. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1994.

FRY, Peter e MacRAE, Edward. O que é Homossexualidade? São Paulo: Abril Cultural/ Brasiliense, 2001.

GOFFMAN, Erving. Estigma. São Paulo: Editora LTC, 1988.

GUZIK, Alberto. Risco de Vida. Rio de Janeiro: ed. Globo, 1995.

LOBERT, Rosa Maria. A Palavra Mágica Dzi: Uma Resposta Difícil de se Perguntar - a vida cotidiana de um grupo teatral. 1979. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 1979.

MORENO, Newton. A máscara alegre: contribuições da cena gay para o teatro brasileiro. Sala Preta, Brasil, v. 2, p. 310-317, nov. 2002. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/salapreta/article/view/57108>>. Acesso em: 13 de agosto de 2011.

RUBIN, Gayle. Pensando o Sexo: Notas para uma Teoria Racional das políticas da Sexualidade. Disponível em: <http://www.miriamgrossi.cfh.prof.ufsc.br/pdf/gaylerubin.com> acesso em 24 de março de 2011.

SILVA, Hélio & FLORENTINO, Cristina. A sociedade dos travestis: espelhos, papéis e interpretações. In: PARKER, Richard & BARBOSA, Regina (orgs.) Sexualidades Brasileiras. Rio de Janeiro: ABIA/IMS-UERJ/Relume-Dumará, 1996.

SCOTT, Joan. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. Revista educação e realidade, nº 2, Vol.20, Porto Alegre. 1995. Disponível em: <http://clam.tempsite.ws/>

bibliotecadigital/detalhes.asp?cod\_dados=805. acesso em 19 de maio de 2011.

SIMÕES, J. A.; FRANÇA, Isadora Lins. Do gueto ao mercado. In: GREEN, James N.; TRINDADE, Ronaldo. (Org.). Homossexualismo em São Paulo e outros escritos. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

TREVISAN, João Silvério, Devassos no Paraíso, Editora Max Limonad, 1986.

VANCE, Carole S.. A antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico. Physis, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, 1995.

VIANNA, A. R. B.; CARRARA, S. Os direitos sexuais e reprodutivos no Brasil a partir da "Constituição Cidadã". In: OLIVEN, Ruben; RIDENTI, Marcelo; BRANDÃO, Gildo. (Org.). A Constituição de 1988 na vida brasileira. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, Anpocs, 2008.

## Lista de sites consultados

<http://paradiversidade.com.br/2010/?p=328> . Acesso em 08 de setembro de 2011.

<http://www.moellerbotelho.com.br/acervo/o-despertar-da-primavera>. Acesso em 25 de setembro de 2011.

<http://www.metodista.br/rroonline/noticias/cidades/2010/11/nos-palcos-da-praca-roosevelt> . Acesso em 25 de setembro de 2011.

<http://www.spescoladeteatro.org.br/curiosidades/09.php>. Acesso em 01 de julho de 2011.

<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,os-pioneiros-da-praca-roosevelt,312617,0.htm> . Acesso em 25 de setembro de 2011.

<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2010/11/grupo-usou-lampadas-como-bastao-para-agredir-jovens-na-paulista.html> e <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/sp/casal-gay-e-agredido-na-regiao-da-avenida-paulista/n1597253412836.html>. Acesso em 06/09/2013.

**Artigo submetido em:** 30/09/2012

**Artigo aprovado em:** 26/11/2012